

PAGMEJERA

Vera Randa



PAGMEJERA

Vera Randazzo

Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras

RESUMO: Conto ficcional alusivo à vida do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, utilizando como título o nome que os índios o nominavam.

Palavras-Chave: Cândido Mariano da Silva Rondon. Magmejera. Conto.

ABSTRACT: Fictional tale concerning the life of Marshal Cândido Mariano da Silva Rondon, using as a title the name that the Indians called it.

Keywords: Cândido Mariano da Silva Rondon. Pagmejera. Tale.

Era uma vez um pequeno Menino de olhos levemente oblíquos que morava na grande casa campesina de seu avô, pois seus pais tinham morrido e ele era, então, o enlevo do velho.

O Menino sem mãe tinha, porém, uma porção de tias com longos vestidos e luzidios cabelos atados em coques. Todas as noites acendiam uma lamparina e imploravam à Virgem que protegesse o sobrinho.

A casa, feita de adobes escuros, ficava na sesmaria do Morro Redondo e tinha na frente uma frondosa mangueira que dava sombra para descanso de jovens morenos, em suas lides diárias.

Muitas vezes o menino, ao lado do avô, seguia com o olhar atento o arriscado trabalho dos tios que domavam os ligeiros corcéis, famosos em toda aquela vasta região.

Depois, quando o avô tomava guaraná ralado, que uma das tias trazia, tinindo com a colherinha de prata, o Menino brincava de domador e amansava os bezerros que depois montava para ir nas roças vizinhas. Então, em alegres algazarras com os primos, atirava-se do alto de um barranco e nadava vigorosamente nas plácidas águas do Itibirai.

Mas, uma noite em que o Menino dormia na alva rede que sua madrinha tecera com as próprias mãos, muito em silêncio, um Maniô saiu das lendas antigas de sua doce Mãe, acercou-se dele e sussurrou:

“Serás o orgulho da tua Pátria e da Humanidade!

Tua presença, tua perfeita distinção, teus amplos conhecimentos e tua valentia te destacarão sempre dos demais companheiros.

Unirás tua vida a uma empresa considerada impossível e saberás realiza-la com perfeição acima do esperado.

Serás dotado de imensa energia vital e terás também uma voz de admirável ressonância, pois que serás um grande condutor de homens e ideias.

De tua descendência materna, princesas das raças terenas e guanás, filhas dos outrora senhores absolutos da terra em que nasceste, raça hoje perseguida e à beira do aniquilamento final, tu, filho dileto, foste escolhido para protegê-las e redimi-las.

Teu coração puro e nobre saberá compreender e encontrar meios para que os teus outros irmãos, os civilizados, possam ver a desumanidade que praticam com o simples e nobre povo indígena.

Terás, como todos os grandes, inimigos que dificultarão os teus trabalhos, farão surgir obstáculos e sobre ti levantarão calúnias, mas passarás incólume

sobre tudo, já que tens no sangue que herdaste de teus antepassados, a chama da persistência e da honestidade.

Amarás uma meiga moça que fará do teu lar um pedaço de céu e o encherá de crianças e te esperará sorrindo cada vez que voltares. Durante as tuas ausências, será a guardiã incomparável da tua casa e da tua felicidade.

Viverás quase um século. Vai filho e luta pela paz dos teus irmãos”

E assim falando, o espírito do sonho afastou-se, pois eis que chegava a rósea claridade matinal.

Passaram mais alguns dias suaves e calmos, mas num entardecer, quando o avô e o Menino estavam recolhendo o gado, um cavaleiro chegou. Era o tio paterno que, após muitos diálogos feitos à distância e através de amigos comuns, tinha afinal conseguido permissão para levar o Menino aos Centros do Saber.

O avô fitou tristemente as campinas pontilhadas de bois gordos, que sempre tinha pensado serem suficientes para criar o filho de sua filha, e depois pousou a mão calosa sobre a cabeça do seu neto. Tinha afinal compreendido que o Menino tinha uma inteligência invulgar que não poderia se coadunar em ambiente de simples vaqueiros. E deixou-o partir.

Assim, entre lágrimas de saudade, o pequeno órfão partiu daquele rincão paradisíaco, deixando a grande casa e o plácido Itibirai; deixando os campos verdejantes onde os tios e primos, centauros alados cortavam o vento, deixando as doces tias com os negros olhos mais escuros pela dor da partida; deixando o avô com o rosto pregueado de amargura, fitando a estrada vazia...

Foram passando os anos e o Menino ultrapassou todos os mestres que o tio contratou para que lhe ensinassem Matemática e Geografia, línguas e ciências e chegou, assim, o dia que transformado num jovem altaneiro e de olhar audacioso seguiu para outras plagas, descendo pelo rio Cuiabá. Foi para a cidade mais linda do mundo, onde o mar beija amorosamente a areia mais alva que as nuvens e onde poderia encontrar mil divertimentos que, porém, jamais o tentaram.

Todo dedicado aos estudos, não olvidava nunca as palavras que seu pai dissera ao irmão quando pressentira a morte, antes mesmo do nascimento do único filho – *“Se eu não viver, e se a criança que nascer for homem, leve-o para a cidade, para que estude e, assim, possa servir a nossa Terra”*.

E com o tempo, o jovem estudante ficou um valoroso Militar e recebeu incumbências arriscadas e difíceis que cumpria sem nunca medir sacrifícios.

Desenrolou gigantescos carretéis de fios que ligaram florestas e montanhas, sertões e pantanais com o litoral, onde estava o Governo de sua Pátria.

E percorreu milhares de quilômetros de fronteiras onde sempre resolvia litígios e afastava mal-entendidos.

E, às vezes, era chamado para pacificar revoluções e em toda parte usava somente a justiça, a bondade, a retidão e a disciplina.

Mas, acima de tudo, dedicou-se com afínco, sem esmorecer nunca um só instante, à grande campanha de salvar os seus irmãos indígenas da incúria, do abandono, das injustiças das atrocidades e da usurpação dos seus direitos.

E por meio da bondade e da persistência chegou mesmo aos mais ferozes que viviam em tribos longínquas e levou-lhes a Esperança, a Fé e a Caridade.

A sua bandeira levava o lema: *Morrer, se necessário for, matar nunca.*

E reis e chefes estrangeiros vinham de longe, atravessando mares e oceano para conhecerem o Harmonizador, o Pacificador dos Sertões.

Por isso, hoje, quando o vento tange as liras dos rios por onde ele navegava, murmurava suavemente:

- *Cândido Mariano da Silva Rondon!*

E as cachoeiras que ele descobriu e batizou, ao caírem em catadupas sonoras cantam:

- *Cândido Mariano da Silva Rondon!*

E os pássaros, em revoadas alegres pelas matas e serras:

- *Rondon, Rondon!*

E os índios, de cujo sangue descendia, do norte ao sul dos sertões brasileiros, unidos na saudade, relembram seus feitos e cantam sua vida:

- *Pagmejera! Pagmejera!*